

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA IMPRENSA SUL MATOGROSSENSE COMO REPRODUTORAS DE CAMPOS SEMÂNTICOS ESTIGMATIZANTES DIANTE DAS JUVENTUDES INDÍGENAS¹.

Henrique Duarte²
Prof. Dr. Walter R. Marschner³

O objetivo deste artigo e o que denominamos “campos semânticos” faz se importante para resgatar algumas questões sobre as derivações das representações sociais da violência, cuja reflexão influi sobre uma possível construção da realidade. Determinamos aqui refletir tal construção simbólica da realidade tendo em vista os termos: “violência”, “homicídios”, “violência sexual”, “alcoolismo”, “suicídio”, “conflito de terras” e “segurança”. Estes campos semânticos surgiram a partir do contato com as notícias de cunho policial dos jornais *O Progresso*, *Douranews* e os artigos do jornal *Ajindo* envolvendo os jovens indígenas das terras indígenas localizadas no Mato Grosso do Sul, com a proposta temporal dos anos de 2010, 2011, 2012, 2013 fazer um diálogo com o Mapa da Violência. O estudo permite compreender como as questões da opinião pública determina a caracterização de uma sociedade ou cultura, promovendo uma estigmatização ou preconceito diante da realidade social dos jovens indígenas. Para entender melhor como irão se distribuir estes termos e como as notícias irão apresentar esta realidade de estigmatização da situação dos jovens indígenas se darão nos itens que chamamos de campos semânticos. Estes irão compor uma apresentação tabulada da quantidade da apresentação dos termos nos artigos noticiosos, bem como a relação desta construção da realidade e a tentativa de realizar um diálogo com a questão inerente à realidade de uma esfera pública proporcionada.

Palavras-chave: Representações Sociais; Violência; Campos Semânticos; Jovens Indígenas, MCS;

¹ Artigo referente à pesquisa efetuada para dissertação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Submetido para o grupo de trabalho V – Movimentos Sociais e Democracia da IV Jornada Brasileira de Sociologia / I Jornada Brasileira de Ciência Política.

² Pós-graduando em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados, pesquisador vinculado a FUNDECT / MS.

³ Doutor em Sociologia - Universität Hamburg - Alemanha; Professor do Programa de Mestrado em Sociologia da UFGD; Pesquisador da FUNDECT - Fundação de Apoio ao Ensino, Ciência e Tecnologia do MS

1. INTRODUÇÃO;

Este trabalho visa refletir a influencia dos MCS em comunicar e exercer um papel dominante sobre o pensamento e contexto da sociedade. No caso a realidade das juventudes indígenas expressada nos jornais impressos e virtual ligado as representações sociais da violência.

O tema aqui proposto pretende realizar uma abordagem crítica no que tange as informações encontradas nos noticiários policiais e sobre violência envolvendo a categorização dos jovens indígenas publicadas nos jornais escritos do estado do Mato Grosso do Sul. Elencando o jornal O Progresso bem como o jornal da Associação de Jovens Indígenas, AJINDO e o veículo comunicativo da internet Douranews. E no Centro de Documentação Regional da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados o acesso ao acervo de jornais completos de: O Progresso.

O tema é relevante, pois parte da ideia que a indicativa da mídia favorece uma persuasão e tomada de interesses ao noticiar certo evento e causa. As noticias pesquisadas neste trabalho favorecem a interpretação e a leitura de um discurso voltado para a depreciação dos jovens indígenas e para quem está inserido nesta sociedade.

A grande problemática desta pesquisa é compreender como o jovem indígena é tratado pela sociedade midiática e colocada como pano de fundo de evidencia na interpretação de toda a sociedade que já cria em si uma noção de violência e de estigmas de preconceito. Obtendo a necessidade de tratar as representações sociais da violência como fator inerente à produção jornalística nos dias atuais e que determinam e influenciam a leitura da realidade vivenciada pelos jovens indígenas, justamente pelo poder de propagação que a mídia detém.

Com o histórico dos conflitos de terras ocorridos diante das populações indígenas guarani-kaiowá, guarani-ñandeva, terena, xavante, que são as etnias a serem focadas neste trabalho, atentando também as diversas outras etnias existentes no que entendemos hoje como Estado do Mato Grosso do Sul, observa-se uma severa precarização e realidade vivenciada a margem dos direitos pelos indígenas. A falta de acesso à política de terras e de confinamento étnico tornam as etnias indígenas privadas a uma realidade de marginalidade neste campo de espaço social entre aldeia e urbanização.

Portanto, é fundamental que se adquira a reflexão diante do que a mídia realiza diante desta realidade na sociedade e protagonizar um diálogo entre diferentes jornais e pontos de vista sobre a questão da violência para aí proporcionar a noção que se tem das representações sociais.

Para tal pesquisa a metodologia utilizada foi documental nos parâmetros da pesquisa qualitativa, e para a análise dos artigos se utilizou o método da análise de discurso contido nas páginas policiais do jornal O Progresso. Foram elencados os veículos de comunicação já citados e feito uma abordagem em um período específico de 2010 até 2013. Por mais que haja uma quantidade significativa de artigos pesquisados em uma maneira quantitativa de se recolher material documental, é importante compreender que a análise dos documentos se dá de forma qualitativa por conta da análise de discurso contida nas notícias.

O objeto de análise da pesquisa e a notícia e a proporção de campos semânticos que estarão sendo criados de forma teórica, podendo parecer arbitrária em um primeiro momento, mas significativa, pois diversos termos se repetem durante a verificação dos artigos, realizando assim uma apropriação de um campo semântico comum e proporcional ao ideal da pesquisa.

A análise de documentos refere-se à importância de buscar nos meios de comunicação de massa o processo simbólico de uma construção coletiva e de relações de dominação que influenciam a relação da sociedade com a realidade virtualmente apresentada.

Já a sistematização da pesquisa, as tabulações dos dados a partir dos artigos jornalísticos consistem em tipificar, no sentido weberiano, a partir do discurso essas relações de comunicação que, por sua vez, desvelam os processos de mistificação da informação na sociedade. Assim procedendo buscamos, compreender o poder da imprensa na formação da opinião pública.

Para tanto o objeto e análise da pesquisa adentram como parte na metodologia de se compreender como são utilizados os termos e palavras e suas funções. O quanto às expressões são objetivas ou subjetivas a partir da questão da hermenêutica como modo de realizar um trabalho de pesquisa, bem como o apontamento dos artigos que constam informações estigmatizantes referente aos indígenas.

Assim voltamos à importância de entender que a análise dos documentos é uma peça fundamental para se contemplar a questão da representação social da violência envolvendo os jovens indígenas na mídia.

As ações dos meios de comunicação sobre a opinião pública construindo a esfera pública podem responder teoricamente o objeto de estudo que este trabalho propõe a executar. É de caráter relacional que se propõe a necessidade de se observar e realizar a crítica diante da postura da mídia quando em sua fomentação representa interesses particulares e não públicos.

Ao compararmos as notícias elencadas pelos diversos veículos de informação, observamos as posturas diferentes dos mesmos ao tratar sobre a realidade do jovem indígena que está à margem de uma sociedade de direitos. As questões ligadas a disputa de terra e ao envolvimento com o tráfico são colocadas pelos noticiários, porém não são refletidas de maneira que possa se encontrar uma resposta diante do arrazoado de informações que são propostas.

A questão de como a mídia pode agir e construir a opinião pública para produzir a representação social da violência envolvendo os jovens indígenas. Para tanto ira se complementar as questões do imaginário e representações sociais, esfera publica e opinião pública a que fomentam uma manipulação da mensagem difundida pela mídia. Todas estas funções perpassam pela ação dos meios de comunicação sobre a opinião pública construindo a esfera pública.

Quando apresentamos os itens que representam a violência encontramos o que iremos determinar de campos semânticos que são a violência, o suicídio, os homicídios, violência sexual, conflito de terras e alcoolismo. Os jovens são representados socialmente no contexto jornalístico e por isso aqui há um importante fator de entender como os MCS interferem de fato na opinião publica.

Os campos semânticos que se apresentam derivam da análise de discurso desenvolvida nos diversos artigos jornalísticos encontrados na pesquisa formam um capítulo importante que se encontram a semantização dos termos apresentados pelos jornais pesquisados. A violência, homicídios, realizam a discussão entre a crítica à problemática da violência desenvolvida pela mídia integram os campos semânticos que são a exibição das representações sociais. Para tanto é necessário iniciar a compreensão da mídia e como esta influi e determina a caracterização teórica desta dissertação, é o que veremos a seguir.

2. PARA SE COMPREENDER A MÍDIA EM RELAÇÃO COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA;

Abordaremos as questões ligadas à construção da opinião pública a partir da característica de persuasão que os meios de comunicação social desenvolvem na sociedade. Assim ao tratar do imaginário e das representações sociais estaremos abordando o jovem a partir da categorização que a mídia faz dele ou dela. Preponderando então um debate sobre o fator da violência que é estigmatizada na sociedade. Também habilitaremos a noção de esfera pública que constrói e determina a opinião pública, cultivando espaços de interpretações das características culturais e sociais dos jovens indígenas. Ao apresentar a importância exercida pelos MCS⁴ na fomentação de uma realidade, este capítulo se estende no diálogo sobre a opinião pública. Aí há a necessidade de apresentar a noção de que há um consumo da mídia que é equivalente com o consumo da própria violência e suas representações sociais.

Qual é a imagem do jovem indígena⁵ demonstrada pelos meios de comunicação? Como que podemos compreender o imaginário promovido pelos meios de comunicação social? A violência pode ser atribuída à ação da mídia?

Respostas para tais questões necessitam de um breve resgate histórico e neste contexto Ferreira e Brandt (2007) apontam a necessidade de estudar os indígenas a partir do contexto histórico específico, onde a violência deriva da luta pelo território. A expansão da exploração ervateira a partir de 1882 suprimiu grande parte das terras indígenas e ocasionou um processo de confinamento das populações indígenas. Para os autores as ações violentas promovidas pelo Estado hoje tem relação direta com representações de violência acerca dos jovens indígenas, transmitidas pelos MCS justamente pelo interesse desenvolvido nesta disputa de territórios que vem sendo intensificada no contexto contemporâneo.

O recorte assumido nesta pesquisa, focada na juventude indígena, pode revelar as variadas formas que a violência assume. Completando estas informações

⁴ Meios de Comunicação Social.

⁵ A categoria juvenil nas etnias indígenas é vista como algo recente e com significados diferentes de uma classificação etária, em que há um entendimento como os ocidentais caracterizam de um período que se vive com menos responsabilidade e que a pessoa não está marcada por ditas experiências negativas, podendo obter tempo para realizar suas utopias. Há, portanto, o jovem indígena a situação étnica tanto guarani quanto kaiowá como o espaço de vida entre a escola e a vida de casado, chamado de vida adulta. (SILVESTRE, 2011).

Ricardo Verdum (SN) afirma que a situação de violência mais dramática é aquela vivida pelos Guarani Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul. Há uma discriminação cultural e social bem como um desprezo do reconhecimento do território indígena. Aqui observamos que os aspectos de violência que nos propomos estudar são muito complexos e ao mesmo tempo passíveis de serem abordados diante dos fatos.

Um âmbito que podemos então analisar, é o da opinião pública, que interfere diretamente na conjunção da sociedade e como esta expressa seu poder. Na opinião pública, pode haver um processo de polarização da informação, ou por assim determinar, do que é conhecido pelo senso comum na sociedade. Em Habermas (1984: 188) há o exemplo da urbanização como um processo de vida social tanto na esfera pública ou privada de uma opinião de consenso na sociedade, por exemplo. Isto torna possível pensar a própria opinião pública em primeiro momento como espaço de determinação de qualquer característica. Portanto, ela irá surgir a partir da relação de trocas de mercadorias, bem como de informações diante de interesses econômicos e políticos. O surgimento de companhias e sociedades de ações diversas exigem garantias de diversas instituições políticas e sociais. Quem cria ou incentiva as opiniões políticas, culturais ou sociais? Como se origina e desenvolve a opinião pública? E qual a relação que esta tem com o fomento do imaginário social?

A tentativa de compreender a intervenção da mídia, no caso específico na sociedade como potencia virtual, mas também real. É que fornece a competência de se discutir a informação e como ela é elaborada, de acordo com Bourdieu (1997), “as palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou simplesmente, representações falsas”. Mesmo justificando que o jornalista não é uma entidade abstrata, mas diferente a partir de suas características sociais, há um mundo dividido entre a lógica da informação e lógica da concorrência. Afirma ainda que em comparação os jornais só alteram as ordens da apresentação das informações, entretanto, para os jornalistas a leitura de jornal é indispensável.

Ou seja, este trabalho tem por objetivo estudar a mídia a partir de jornais impressos (O Progresso e Diário MS), notícias em um veículo virtual (Douranews) e os periódicos virtuais do jornal Ajindo, pertencente à Associação de Jovens Indígenas de Dourados. Tais veículos de comunicação podem expressar esta

diversidade de matizes diante da construção da opinião pública acerca das representações sociais da violência.

Para tanto o esforço de compreender os MCS e a indústria cultural também se faz presente pela importância de realizar uma noção sobre a teoria crítica feita a mídia e como ela é fomentada na sociedade de forma em que produz no ensejo de se consumir a mensagem.

É assim que aportaremos à discussão a seguir a partir de uma consolidação do imaginário e as representações sociais contidas na mídia. Com a justificativa de uma melhor compreensão do papel dos meios de comunicação em sua função de informar diante das questões de estigmas que são difundidos.

Esta abordagem se faz necessário pela categorização do jovem a partir do sentido extenso como meio de comunicação acessível à sociedade, que se faz objeto de pesquisa por apresentar o jovem indígena repleto de características. É importante entender como este fenômeno é abordado pelo meio de comunicação específico a partir de indagações encontradas, por exemplo, na pesquisa feita por Silva (2007) sobre as representações dos Kaiowa-Ñandeva no jornal O Progresso na década de 80, trata-se de uma análise da imagem que este veículo de comunicação faz do indígena (“índio bom ou índio mal”). “Como os personagens índios puderam representar a concepção de mundo que o jornal defende”? A questão aqui delimitada pela imprensa sobre os aspectos inerentes a estes indígenas diante das características da violência é que também se torna referencial de estudo, ou seja, nas palavras de Silva. “O estudo de textos jornalísticos requer atenção do pesquisador, pois o papel da mídia numa sociedade de massas está impregnado de interesses políticos e econômicos que exigem um estado de alerta”. (SILVA, 2007: 19).

É o caso da contribuição feita por Laplantine (1997), que ao relacionar imaginário e ideologia aponta para as mitificações das relações reais entre os seres humanos com produtos ou instituições. Para ele há a ideia, o símbolo e a imagem, para tanto as imagens se constroem nas experiências visuais passadas. Assim há uma produção das informações envolvidas que se originam da natureza perceptiva.

Proporciona um paradigma que detecta a realidade que vigora em momentos específicos, ou seja, o modelo que os jornalistas utilizam para falar da realidade de um fato está inteiramente ligado a interesses particulares interferindo na mensagem real, e diferentes de cada cultura e formação social. “Mas para o editor do jornal,

teve o significado de que ele passou de vendedor de novas notícias e comerciante com a opinião pública” (HABERMAS, 1984: 214). A leitura da realidade é democrática, mas tende a parcialidade, porque significa que os interesses particulares se sobrepõem ao público. Para Habermas (1997), há uma indagação na formação democrática diferenciada na comunidade jurídica em que os sujeitos podem ser livres e iguais. No processo democrático o conteúdo ideal da razão prática se institucionaliza, assim realiza o sistema dos direitos. Nesta discussão do que se pode tornar lei através da prática do jornalista em constituir a informação em Bourdieu (1997: 25) “essas categorias são produto de nossa educação, da história, etc. Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e construção do que é selecionado”.

O processo simbólico oferecido pelos meios de comunicação de massa, por exemplo, reflete esta transformação da representação social e ideologia em novas perspectivas, como as relações de dominação. Contudo, tal dominação pode ser exercida pela necessidade de caracterizar ideologicamente a questão imposta da violência envolvendo os jovens indígenas.

Para Porto (2009) o que chamamos por representações sociais tem como conteúdo os ditados, provérbios, valores e crenças afirmados pela mídia e que são considerados noções pelas quais os indivíduos tentam se inserir no mundo. Explicando e aprendendo sua maneira de ser. A produção de sentidos na sociedade é feita por alguns indivíduos ou grupos. A maioria dos indivíduos apenas consomem conteúdos, como normas ou valores. Assim ao pautar algumas matérias, os meios de comunicação apresentam e representam determinados acontecimentos mediados por sua versão e assim silenciando outros.

Para apreendermos melhor a mídia se faz necessário este diálogo para adentrarmos na discussão de esfera pública e opinião pública que estão diretamente conectados a realização de uma representação social nos meios de comunicação social que sujeitam os atores sociais a diversos interesses e estigmas.

A opinião pública é constituída pela mídia e por todas as representações sociais que influenciam o imaginário. Todas estas colocações feitas apontam para a afirmação de que há a opinião pública e ela é produzida. A estigmatização da opinião sobre a violência, por exemplo, pode transformar e alterar o comportamento de sociedades, justamente pelo poder que é exercido na forma de opinião pública.

Portanto, tentar imaginar a formação da opinião pública, a teoria deve se ater as reflexões do senso comum. A manipulação da esfera pública, por exemplo, determina um senso de politização das informações como se fossem teleguiadas, com a massificação da informação.

E Bourdieu (1989:11) apresenta que não é suficiente olhar o modo inseparável destas relações de comunicação sendo eles simbólicos ou materiais, justamente porque exercem poder e acumulam este simbolismo.

A opinião pública tem diversas origens e formações com variados símbolos e expressões, exercendo influência, por exemplo, na política. Pode promover estigmatização, influenciando a sociedade e o coletivo. É por isso que a opinião pública tem quantitativa relação com a esfera pública.

As informações que formam todo este coletivo de opinião pública é associada em Jürgen Habermas (1984) com duas formas. Há um poder político exercido e tal publicidade pode ser a crítica e a manipulativa. É assim que há uma identificação do Estado moderno atrelado a soberania popular, significando assim o que exige ser a opinião pública. O que chamamos de coletivo de opinião pública deriva sentido nas palavras de Habermas, onde a opinião pública reina, mas não governa. Ou seja:

“A medida que o conceito de opinião pública, fixado nas instituições do exercício do poder, não alcança bem a dimensão dos processos informais de comunicação, tampouco por outro lado, o conceito de opinião pública dissolvido psico-sociologicamente em relações grupais, consegue novamente inserir-se naquela dimensão em que a categoria outrora desenvolveu seu significado estratégico”. (HABERMAS, 1984: 281).

Ela apresenta e tenta determinar as características culturais, sociais e políticas como atribuímos ao Estado moderno de forma observável à dimensão teórica da opinião pública e como ela se relaciona com a construção da esfera pública que é o da sociedade em si.

O exercício de poder, principalmente tratando o papel da mídia como protagonista de análise de pesquisa a ser feita. Remonta a presença de uma medida da opinião pública pelas características de reprodução do imaginário social em que a esfera pública é que pode responder a indagação diante da construção do imaginário social. Contempla na esfera pública determinada na reflexão de uma inserção de diversos interesses contida nas informações jornalísticas. Há, todavia a opinião pública que é fruto deste interesse e porque não admitir o objeto que tratamos como representações sociais. Tal reflexão sobre o exercício de poder contido na mídia redige um espaço importante para se discutir e refletir o papel das

notícias que envolvem os jovens indígenas em um processo de estigmatização do preconceito, por exemplo. Há aí uma dimensão constituída na massificação da informação, bem como de interesses particulares afins.

Ao utilizar o pensamento habermasiano podemos contemplá-lo sob duas óticas de paradigmas que ele mesmo prescreve em sua caminhada científica. Em Oliveira e Fernandes (2011) Habermas em um primeiro momento está ligado a uma visão relacionada à Escola de Frankfurt e em outro momento opta pela proposta de “esclarecimento”, trabalhando com o modelo de comunicação. A questão do diálogo feito por Habermas é pertinente a este trabalho, pois, mesmo eu suas duas fases distintas de pensamento, e logo exhibe a comunicação entre os homens que aparada por instrumentos tecnológicos adquire importância na constituição de um espaço público. Neste meandro entre a indústria cultural e a ação comunicativa dos homens, há uma inevitável contribuição para pensar os meios de comunicação em um processo de indução da coletividade.

Hoje observamos diversos meios de comunicação de massa, estudaremos os jornais escritos, porém a televisão e a internet são ferramentas de comunicação da atualidade que exhibe cada vez mais as questões do que chamamos de opinião pública ou fabricação da mesma. Há uma discussão entre o que é realidade ou virtualidade da informação. E a importância deste trabalho esta em inserir a discussão sobre como a opinião pública é construída a partir da ação efetiva dos meios de comunicação. No caso, os jornais impressos oferecem uma representação social e são fomentados por uma noção de esfera pública e que aqui pode se adequar a inserção de seletividade feita por Perlatto (2015). Tanto a inserção de manipulação e noção do real podem ser produtos de uma virtualização da informação.

Para Jean Baudrillard:

“A potência do “virtual” nada mais é do que virtual. Por isso, aliás, pode intensificar-se de maneira alucinante e, sempre mais longe do mundo dito “real”, perder ela mesma todo princípio de realidade. Para que essas potências técnicas estendam seu império sobre o mundo seria preciso que tivessem uma finalidade – não há potência sem finalidade da potência.”
(BAUDRILLARD, 2005)

A mídia de uma forma promotora desta ação econômica, cultural e social também se apropria da realização da condução deste espaço político e ideológico. E estes espaços para Habermas (1984) se dá na ampliação da autoridade pública e

setores privados que também estão ligados ao processo de correlação de uma substituição de poder público, por poder social. Portanto, é econômica porque virtualiza na opinião pública os interesses contidos na mensagem da mídia como um produto a ser consumido. O fator ideológico é um campo político a ser refletido como potencia determinada por Baudrillard e as ações promotoras de uma substituição de poder, são favorecidas por esta virtualização da informação provocada pela mídia.

Ou seja, o consumo desta mídia está conectado a esta realidade de produção de consumidores potenciais em ideologias previamente fomentadas como no caso a interpretação da realidade indígena e da violência. Chomsky (2004) ao tratar de uma democracia do espectador reflete que a propaganda e os meios de comunicação são instrumentos eficazes para se constituir um consenso. Exemplifica o poder da mídia de decidir e produzir a aprovação diante de novas tecnologias de propaganda. Aqui tal ideia que é difundida ganha status de necessária, assim os interesses comuns esquivam totalmente da opinião pública em que apenas homens responsáveis e bastante inteligentes podem compreender. Isto se reflete na ideia que somente uma vanguarda de intelectuais e revolucionários populares proporcionam a força necessária para conduzir as massas. Assim Chomsky apresenta que uma democracia se dá em duas funções: por um lado, a classe especializada que exerce função executiva, o que significa que pensam, entendem e planejam os interesses comuns; por outro lado o que chama de rebanho desconcertado com uma função democrática em que são espectadores e sem voz ativa. A fabricação de um consenso serve pra a domesticação de um rebanho.

Em Adorno (2002) ao referir se da indústria cultural, abrange que toda cultura de massa em sistema econômico concentrado é idêntica, e o seu perfil, a armadura conceitual daquela que começa a delinear-se. A constituição do público, que teoricamente e de fato favorece o sistema da indústria cultural, faz parte do sistema e não desculpa. A indústria cultural, portanto, se desenvolve com a primazia dos efeitos, do desempenho tangível do particular técnico sobre a obra, que outrora trazia a ideia e com essa foi liquidada. A violência da sociedade industrial opera nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração, mas cada um deste é um modelo do gigantesco mecanismo que desde o início mantem tudo sob certa pressão, tanto no trabalho quanto no lazer.

A partir destes termos é que damos sentido para o que chamamos de campos semânticos da mídia, com a relação de encontro destes termos estigmatizantes.

3. OS CAMPOS SEMANTICOS NA MÍDIA;

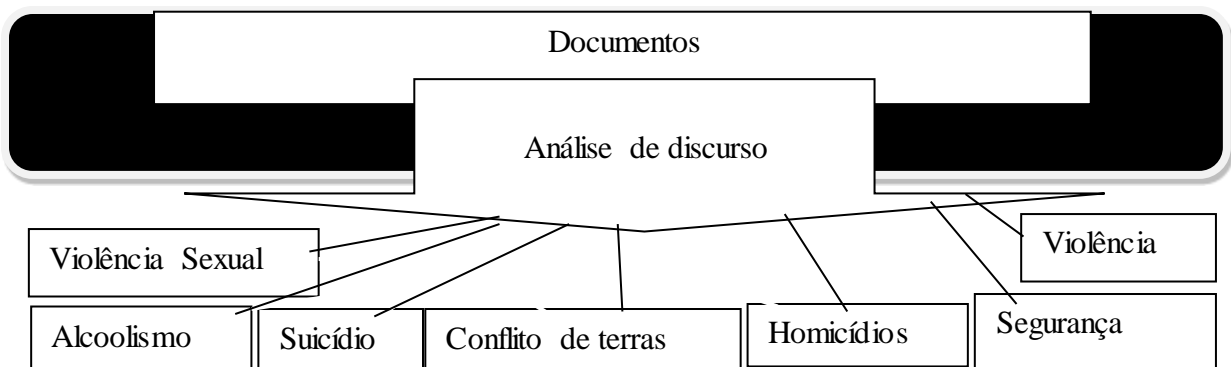
Para se chegar a estes campos semânticos foi necessário utilizar metodologicamente um processo hermenêutico diante da noção de construção da realidade. O que pretendemos denominar objeto de análise de pesquisa é o material que teremos contato para buscar as representações sociais da violência, portanto são os artigos jornalísticos. Isto significa que tal objeto é composto metodologicamente pela apreensão das representações sociais pelos M.C.S.

O que chamamos de “fato”, aquilo que pode ser pesquisado diante de uma possível construção da realidade está na apreensão da mesma pelos meios de comunicação e como estes noticiam a sociedade. Tal apresentação da realidade pode ser vista a partir deste primeiro passo do método de definir o objeto de análise da pesquisa como observamos no seguinte gráfico:

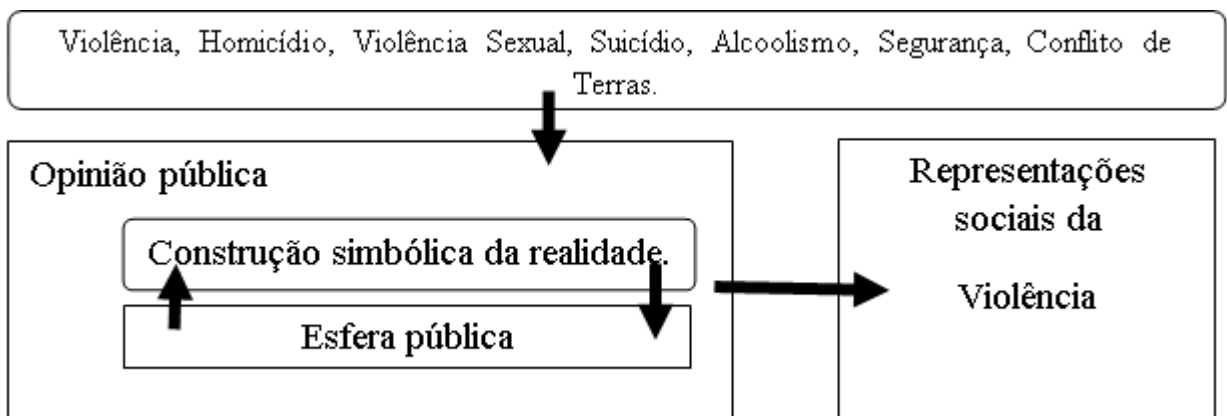


Contextos como os meios de comunicação e seus relatos sobre a realidade indígena serão investigados a partir da *análise de documentos* como método. Para Flick (2004: 46) os documentos selecionados devem responder a três características básicas: apresentar os dados essenciais, ser base de interpretações e meio central da pesquisa; estar alinhados as finalidades e à realidade de pesquisa. Portanto, a delimitação temporal de 2010 à 2013 dos documentos, faz com que a análise de discurso produza campos semânticos. Estes campos semânticos significam os desdobramentos das representações sociais da violência que se habilitam na pesquisa de maneira hermenêutica, uma vez que ao ter contato com os documentos

jornalísticos observamos o que entendemos por construção? Simbólica da realidade. Desta forma podemos observar no gráfico a seguir:



Para a *tabulação e sistematização* dos dados qualitativos propõe-se a adoção da metodologia de *análise de conteúdo*, (BARDIN, 2009, BOGDAN e BIKLEN, 1994) segundo a qual o pesquisador procede com a categorização das matérias, elencando códigos e categorias mais incidentes⁶ nos textos e que possuam densidade explicativa, organizativa do discurso proferido. A sistematização da pesquisa se utiliza de uma análise em que os campos semânticos, ao serem identificados, evidenciam o que se pensa sobre a violência, como exemplo no gráfico a seguir:



Determinamos aqui refletir tal construção simbólica da realidade tendo em vista os termos: "violência", "homicídios", "violência sexual", "alcoolismo", "suicídio", "conflito de terras" e "segurança". Estes sete campos semânticos surgiram a partir do contato com as notícias de cunho policial dos jornais *O Progresso*, *Douranews* com

⁶ Bardin exemplifica, partindo da aplicação da metodologia no âmbito da psicologia. Para autora a análise deve resultar de testes de associação de palavras (estereótipos e conotações). Busca-se por exemplo encontrar a incidência de estereótipos sociais espontaneamente partilhados pelos membros de um grupo relativo a certas profissões. "O teste por associação de palavras, o mais antigo dos testes projectivos, permite, em psicologia clínica, ajudar a localizar as zonas de bloqueamento e de recalçamento de um indivíduo" (BARDIN, 2009 p. 53).

a proposta temporal dos anos de 2010, 2011, 2012, 2013. Dando destaque para os temas violência e homicídio neste artigo.

Diante da pesquisa feita obtemos os seguintes dados, considerando que foram encontrados e selecionados 230 notícias do jornal O Progresso e 80 notícias do veículo da internet Douranews. Diante da leitura das notícias envolvendo jovens indígenas e indígenas nas questões ligadas a violência, foi elencado termos que se repetiram no corpo das notícias e que puderam realizar a fomentação do que chamamos de campo semânticos. Os termos apresentados são: *furto, presos, crime, violência, bebida alcoólica, prostituição, armas, drogas, brigas, estupro, atropelado, suicídio, homicídio, morte, segurança, doença.*

Considerando que iremos trabalhar com as questões inerentes as Representações Sociais, também ficou evidente a repetição de termos e expressões que podem caracterizar o fato noticiado, bem como a realização de uma possível estigmatização na construção da realidade diante das notícias. Estes termos apresentam formas de enunciar o local dos atos violentos, períodos e caracterização dos atores sociais, bem como instituições que neles estão representados: *estrada, noite ou madrugada, aldeias, comunidade, estudante, jovem e adolescente, não índio, índio, kaiowá, Guarani, Terena, indígena, cadáver, Bororó, Jaguapiru, FUNASA⁷, FUNAI⁸, protestos.*

O termo violência por si apresenta no jornal O Progresso 63 indicações, enquanto no Douranews exibe 44 enumerações. Para melhor quantificar tais termos observamos o quadro a seguir:

Violência	a) furto	b) atropelado	c) brigas
O Progresso	44	17	34
Douranews	6	11	7
Total	48	28	41

Aparecem algumas afirmações que expressam a existencia de um contexto de furto antecipado da existencia do tráfico de drogas “a Reserva tem pelo menos 40 bocas de pó espalhadas pelas aldeias Jaguapiru e Bororó”; “As crianças, adolescentes e **jovens** são usados por traficantes”; “abastecem a reserva com carros adulterados e com placas frias; veículos que são objeto do crime”. No Douranews, 10 de setembro de 2012, cujo título da notícia é: **Menores indígenas**

⁷ Fundação Nacional de Saúde.

⁸ Fundação Nacional do Índio.

confirmam que mataram para roubar moto, no corpo do texto jornalístico encontramos esse processo estigmatizando cada vez mais evidente. *“vítima tinha sido vista em um bar na região em companhia de um adolescente de 17 anos na noite em que foi morto”*; *“De acordo com o adolescente, esse episódio ocorreu já por volta de uma hora da madrugada”*; *“A motocicleta roubada da vítima”*; *“foi levada da casa pelo adolescente de 17 anos que informou que não tinha como sair a pé do local, então levou a motocicleta”*.

Aqui é importante dar destaque ao termo utilizado pelo jornalista quando se refere *“Menores indígenas”* quando já obtemos certa reflexão e crítica diante da utilização deste termo pelos jornalistas visando o ECA (Estatuto da Criança e Adolescente). Esse adendo é feito, mesmo se tratando de juventude, pois segundo o estudo Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas (2009) há um questionamento profundo sobre a utilização do termo ‘menor’ a partir das diretrizes do ECA. O estudo explica a diferença existente entre o ECA e o Código de Menores que fora instituído historicamente antes que o ECA e não pode servir de parâmetro para o amparo ao adolescente e por seguinte o jovem. Uma vez que o código de menores não distinguia idade e era aplicado a pessoas de idades de 0 a 18 anos.

O homicídio aparece como um campo semântico por ser uma representação social da violência significativa para entender os fatos que tratam da relação de estigma do jovem indígena como sujeito com a consequência do ato violento, por assim dizer, e que estão conectadas as ações dos outros campos semânticos que veremos durante este capítulo. Aqui selecionamos três itens *presos, armas e morte*, para melhor poder compreender a relação dos homicídios e o que incide sobre este termo nas notícias encontradas.

Homicídio	a) presos	b) armas	c) morte
O Progresso	124	258	317
Douranews	44	73	121
Total	168	331	438

Por mais que haja uma iniciativa em informar sobre a ação policial, há também o requerimento da estigmatização de um perfil que o jornalista tenta identificar no jovem indígena diante de uma proposta de representação social da violência determinada. Acarreta que o fato dos usuários de drogas apreendido na operação policial deriva justificativa para o veredito da acusação do assassinato feito pelo indígena. A notícia: *“Dourados registra 9 mortes em 9 dias”*, do dia 15 de

setembro de 2012 de O Progresso, apresenta a relação da população indígena com os índices da cidade. “*nove pessoas foram assassinadas*”; “*quatro indígenas*”; “*outros sete índios estão presos acusados pelos crimes*”. “*na maioria das ocorrências, bebida alcoólica e razões fúteis*”; “*Quase todos os homicídios é por brigas*”; “*O envolvimento de menores também é grande*”; “*Dois menores indígenas, de 16 e 17 anos, estão detidos acusados do crime de latrocínio*”.

Alguns títulos de notícias se destacam para apresentarmos a questão de morte. “*MS teve notificação de 3.429 casos e 10 mortes por alcoolismo*” (Douranews, 30 de junho de 2011); “*MPF culpa demora na demarcação de terras em MS por morte de indígena*” (Douranews, 5 de julho de 2011); “*Jovens indígenas são mortos a facadas depois de discussão em bar*” (O Progresso, 20 de maio de 2013); “*jovem é morto com golpes de facão*” (O Progresso, 3 de janeiro de 2012); “*Indígena é encontrado morto na aldeia Bororó*” (Douranews, 4 de fevereiro de 2012). Os títulos das notícias já evidenciam a repetição de alguns itens que já levantamos por aqui para compor os campos semânticos de violência e homicídio. Alcoolismo, facadas e aldeia, por exemplo, repetem as questões de estigmatização quanto a realidade do indígena, traçando o como um sujeito bêbado, perigoso e apresentando a aldeia como um lugar violento.

Estes itens apresentados como campo semânticos apresentam de forma significativa um parâmetro sobre uma pesquisa mais ampla e que se trata da dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Por isto, outros termos seriam importantes ser refletidos neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Querendo contribuir para a discussão sobre os processos de estigmatização dos personagens sociais é que este artigo tentou apreender a pesquisa e a reflexão sobre o poder da mídia na influencia sobre a opinião pública e conseqüentemente sobre o que chamamos de campos semânticos. A compreensão metodológica de pesquisa apresenta uma indagação para poder a partir da Sociologia fazer uma discussão crítica e profunda sobre o papel ético do escrever jornalístico e a forma que impõe a representação social da violência e até cultural sobre a realidade da juventude indígena. Distante de finalizar a discussão sobre a questão inerente a

realidade indígena e o papel da mídia neste processo de estigmatização é que este artigo procura ser um ponto interlocutor diante do que se é publicado e apresentado para o senso comum da sociedade que tem seu contato com a mídia sul mato-grossense. Acreditamos que este artigo faz se importante por refletir os posicionamentos a partir dos textos jornalísticos. A opinião pública que constrói a esfera pública em Habermas nos auxilia a entender o processo de caracterização e até produção da própria violência, portanto, consideramos importante discutir tal realidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias da era virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 4 edição, 2005.
- _____. **Simulacros e simulações**. Santa Maria da Feira: Relógio d'Água, 1991.
- BOGDAM, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: **investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- _____. **Sobre a televisão. Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Tradução Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas**. Belo Horizonte: Rede Andi Brasil, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **Fabricando el consenso: el control de los medios masivo de comunicación**. Buenos Aires – 2004. In: <<https://sociologedu.files.wordpress.com/2012/03/chomsky-fabricando-el-consenso.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2015 as 20h 32.
- FERREIRA, Eva Maria Luiz; BRANDT, Antônio. **Conflito e violência no território dos Kaiowá/Guarani**. Campo Grande: Tellus nº 7, 2007. Pág 117-124
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HABERMAS, Jurgen. **Direito e democracia: entre factilidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário. Coleção Primeiros Passos.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Luiz A.; FERNANDES, Adélia B. . **Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana.** São João del-Rei: Revista Estudos Filosóficos nº6, DFIME – UFSJ, 2011. Pág. 116-130. In: <<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> > Acesso em 22 abr. 2015 às 15h 20.

PERLATTO, Fernando. **Seletividade da esfera pública e esferas públicas subalternas: disputas e possibilidades na modernização brasileira.** In: Revista Brasileira de Sociologia. v. 23, n. 53, p. 121-145, mar. 2015.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Mídia, segurança pública e representações sociais.** In: Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 21, n. 2. São Paulo : Novembro, 2009.

SILVA, Lélío Loureiro da. **As representações dos Kaiowa-Ñandeva no jornal O Progresso na década de 1980.** Dourados: dissertação de mestrado em história da Universidade Federal da Grande Dourados, 2007.

SILVESTRE, Célia Foster. **Jovens professores Guarani e Kaiowá: identidade, educação e interculturalidade.** In: FAISTING, André Luiz; FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. (orgs.). **Direitos humanos, diversidade e movimentos sociais: um diálogo necessário.** Dourados: EdUFGD, 2011. Pág. 137 a 156.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2010: Anatomia dos homicídios no Brasil.** São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2011: os jovens no Brasil.** São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil.** São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013: homicídios e juventude no Brasil.** São Paulo: Instituto Sangari, 2013.